

A LITERATURA EM LÍNGUA ALEMÃ E O PERÍODO DO EXÍLIO (1933-1945): A PRODUÇÃO LITERÁRIA, A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO E A PRESENÇA DE EXILADOS DE FALA ALEMÃ NO BRASIL

Izabela Maria Furtado KESTLER¹

- RESUMO: Este trabalho apresenta em sua primeira parte os principais aspectos da história da literatura em língua alemã do exílio, que está intrinsecamente ligada à instauração do regime nazista na Alemanha em 1933 e na Áustria após a anexação deste país à Alemanha em 1938. Nesta primeira parte são apresentadas também as principais características desta literatura e as obras literárias mais relevantes deste período que se estende até 1945. Em sua segunda parte, há uma apresentação concisa das condições do exílio e da produção literária de exilados de fala alemã no Brasil.
- PALAVRAS-CHAVE: Nacional-socialismo; literatura alemã do exílio; história do exílio; exílio no Brasil; literatura do exílio no Brasil.

A LITERATURA EM LÍNGUA ALEMÃ DO EXÍLIO (1933- 1945)

Lá onde se queimam livros, um dia também se queimarão pessoas.

(HEINE apud STAGHUN. 1997, p. 54)

Introdução

A literatura em língua alemã do exílio é produto da ruptura violenta da evolução literária na Alemanha e na Áustria e da fuga e concomitante exclusão dos autores de seus respectivos países de origem (Alemanha a partir de 1933 e Áustria após a anexação ao III *Reich* em 1938). Trata-se de uma literatura de resistência, no sentido mais amplo da palavra (política, literária e artística), à instauração de um regime anti-intelectual, anti-libertário, anti-liberdades individuais, em suma, absolutamente anti-democrático: o nacional-socialismo. A produção literária dos exilados de fala alemã deve ser abordada levando-se em conta não só a história do exílio com suas diferentes fases, como também a história da ascensão, expansão e derrocada do III *Reich* com a derrota alemã na II Guerra Mundial.

¹ Departamento de Letras Anglo-Germânicas – Faculdade de Letras – UFRJ – 21941-590 – Rio de Janeiro – RJ – izabela@alternex.com.br

Aspectos principais da história do exílio

O exílio não é uma invenção do século XX. Há na história de todos os países e em todas as épocas relatos de perseguição e banimento de minorias. A emigração em massa de pessoas provenientes do III *Reich* é, entre os casos conhecidos, no entanto, única e singular. Nunca antes na história de um país ocorreu a emigração em massa dos representantes da cultura e da ciência de um povo. (BERG et al., 1981, p.419)

A partir de 1933 tomaram o caminho do exílio cerca de 500.000 pessoas. O exílio dos escritores e intelectuais, assim como de outros grupos de pessoas, que tiveram que abandonar a Alemanha, é apenas uma parte da história de perseguição, terror e morte engendrada pelo advento do nacional-socialismo na Alemanha. O advento do nacional-socialismo, triunfante com a indicação pelo presidente Marechal Hindenburg de Adolf Hitler para o cargo de primeiro-ministro (chanceler) da Alemanha no dia 31 de janeiro de 1933, assinala a chegada ao poder dos nacional-socialistas na Alemanha pela via democrática como consequência quase natural da instabilidade e do radicalismo políticos dos últimos anos da República de Weimar (1918-1933). A instauração do regime nacional-socialista provocou em pouco tempo o êxodo em massa de escritores, intelectuais de vários matizes políticos, artistas, cientistas, sindicalistas, políticos de quase todos os espectros (em primeiro lugar comunistas e sociais-democratas) e, com o correr dos anos, da minoria mais ameaçada (judeus alemães). No caso dos escritores e intelectuais, a maioria absoluta abandonou a Alemanha nazista em pouco tempo, saindo até outubro/novembro de 1933.

A grande maioria dentre as 500.000 pessoas foram forçadas ao exílio em virtude da política anti-semita do III *Reich*. Calcula-se também que cerca de 30.000 pessoas dentro deste universo de 500.000 eram opositores políticos ao regime nazista e que cerca de 2.000 pessoas exerciam alguma forma de atividade literária. No tocante à fuga em massa de alemães e austríacos de origem judaica, tal fato marca, de um lado, o fim da convivência entre alemães e judeus e entre austríacos e judeus e, de outro, com a implementação do holocausto na Alemanha, Áustria e em todos os outros países sob o domínio nazista, o término da presença judaica na vida cultural e política da Europa. Ou seja, o holocausto não foi só mais um capítulo na longa história da diáspora dos judeus, mas sim o fim de todas as comunidades judaicas da Europa Central e por fim o início de uma nova história para os judeus com a criação do Estado de Israel em 1948.

O assassinato dos judeus europeus na II Guerra Mundial foi sem par. Nunca antes um Estado decidira aniquilar totalmente um grupo de pessoas por ele determinado – inclusive idosos, mulheres, crianças e bebês sem qualquer tipo de exame de cada caso particular – e pusera em prática tal decisão com instrumentos de poder estatais, não só matando os membros deste grupo onde

quer que estes caíssem em suas mãos, mas também, em geral trazendo-os de lugares distantes para estabelecimentos criados única e exclusivamente com o objetivo de assassiná-los. Assassinatos em massa já haviam ocorrido antes, mas nenhum assassinato em massa deste tipo. Este foi iniciativa da Alemanha e sobretudo de Hitler. (JÄCKEL & ROSCH, 1992, p. 11)

A presença dos judeus alemães e austríacos na vida cultural de seus países até 1933 e 1938 respectivamente foi de grande relevo. A perda profunda provocada pela emigração e sobretudo pelo aniquilamento dos judeus para a vida cultural da Alemanha e da Áustria no pós-guerra é uma das consequências trágicas e irreparáveis do domínio nacional-socialista. Segundo o escritor judeu alemão Hans Sahl (1983, p. 418), havia uma espécie de parentesco entre judeus e alemães que teria se iniciado após a emancipação dos judeus e se desenvolvido durante o século XIX, tendo alcançado seu ponto culminante nos anos 20 do século XX.

A tragédia que vai se abater sobre os judeus alemães a partir de 1933 vai surpreender a grande maioria deles, que aliás compartilhavam com grande parte da burguesia alemã a absoluta falta de percepção política. Estatisticamente falando, segundo Hannah Arendt (1955), a perseguição e o extermínio dos judeus foi a aceleração insensata de um processo inevitável. Havia na Alemanha em 1933 cerca de 400.000 judeus de nacionalidade alemã e 109.000 de outras nacionalidades, no total em torno de meio milhão, ou seja, eles eram 0,76 % da população. Além disto, havia cerca de 380.000 pessoas de ascendência judaica (JÄCKEL & ROSCH, 1992, p.15).

Não cabe aqui fazer a crônica histórica da perseguição e extermínio dos judeus na Alemanha e em todos os outros países europeus que caíram sob o domínio nacional-socialista ou estavam sob sua esfera de influência. Resumo aqui os principais aspectos da política nacional-socialista em relação aos judeus que pode ser dividida em duas fases: de 1933 a 1941 houve a perseguição e exclusão; e de 1941 e 1945, o assassinato dos judeus alemães e os dos países europeus em questão. Quanto às razões e desrazões que levaram o Estado nacional-socialista a primeiro excluir os judeus da vida pública, tirar-lhes os direitos civis, interná-los em guetos, deportá-los finalmente para campos de extermínio e implementar “racionalmente” o assassinato em massa de cerca de 6 milhões de judeus europeus, menciono aqui as reflexões sobre este tema do sociólogo Norbert Elias (1991, p.403-4):

Implementar a ‘solução final da questão judaica’ não tem nenhum fundamento do tipo dos que comumente chamamos de ‘racional’ ou ‘realista’. Ela significa simplesmente o cumprimento de uma crença profundamente enraizada que era central desde os inícios do movimento nacional-socialista. Segundo esta crença, a grandeza atual e futura da Alemanha e da ‘raça ariana’, cuja personificação maior era o povo alemão, a ‘pureza da raça’. E esta ‘pureza’, pensada em termos biológicos exigia o alijamento e se necessário o extermínio de grupos humanos ‘de qualidade inferior’ ou inimigos, que poderiam prejudicar a raça ariana através

da miscigenação, sobretudo o alijamento e extermínio de pessoas de ascendência judaica. Hitler e seus seguidores nunca esconderam que consideravam os judeus os piores inimigos deles e da Alemanha. Para tanto não precisavam de nenhum tipo especial de comprovação: pois era sua crença que a natureza assim o determinara através da ordem mundial e de seu criador. Eles acreditavam que os judeus, graças às suas características raciais inatas, não poderiam deixar de odiar o povo ariano-alemão superior e que, se lhes fosse permitido, iriam arruinar este povo.

É importante mencionar aqui que o início do êxodo em massa de escritores se dá não imediatamente após a nomeação de Hitler, mas sim com o incêndio criminoso do *Reichstag* (Parlamento) na noite de 27 para 28 de fevereiro de 1933. Nesta mesma noite tem início a perseguição, o terror e o aprisionamento de escritores e intelectuais de esquerda, assim como de opositoristas ao regime. A seqüência de acontecimentos (dissolução e proibição de todos os partidos políticos, implantação do regime ditatorial, criação de organismos oficiais de controle e censura de publicações e de toda atividade artística) vem demonstrar que a fuga dos escritores e intelectuais não fora uma precipitação. O regime nacional-socialista, na percepção da maior parte da intelectualidade, não era igual a qualquer outro tipo de governo autoritário. “O objetivo do nacional-socialismo não era tomar o lugar do opositor político, mas sim realizar uma espécie de ‘ajuste de contas’ na tradição das lutas religiosas” (RÖDER & STRAUSS, 1980, p. xxxv).

Além disso, o nacional-socialismo pretendia não só o poder político, mas também – e este aspecto é o mais importante no tocante à literatura – o poder ideológico, ou seja, impor sua “*Weltanschauung*” em todos os campos culturais. Aqui não é o lugar para se analisar em profundidade no que consistia exatamente essa “*Weltanschauung*”. A par das teorias da suposta superioridade racial do povo alemão, e sobretudo do anti-semitismo – este último é o fator que distingue o nacional-socialismo do fascismo italiano – a principal característica do nacional-socialismo é sua oposição a toda e qualquer idéia política que enseje o respeito às normas democráticas e à manutenção do estado de direito.

No tocante à literatura, basta lembrar que o nacional-socialismo e seus intelectuais preconizavam uma literatura voltada aos pretensos valores “eternos” da raça alemã (LOEWY, 1990, p. 328). Dentro do contexto do pensamento e da *práxis* do nacional-socialismo, ou seja, de estímulo e fomento de uma política artística, literária e cultural de sustentação ideológica do regime, não havia lugar para escritores, artistas e intelectuais compromissados ou com a tradição humanista ou com o questionamento moderno do início do século XX. A queima ritual dos livros de autores dos mais variados matizes – desde a comunista Anna Seghers até o humanista Stefan Zweig –, patrocinada pelo Ministério da Propaganda sob o comando de Josef Goebbels e com a ajuda decisiva das universidades e dos estudantes em todas as cidades universitárias no dia 10 de maio de

1933, é o marco principal da exclusão da produção literária que não convinha aos desígnios do nacional-socialismo.

As fases do exílio

Nós que íamos trocando de países
 mais freqüentemente que de sapatos
 através das guerras de classes, desesperados
 quando lá havia tão somente injustiça e nenhuma revolta
 (BRECHT, 1986, p. 94)

A história geral do exílio passa por três fases (DURZAK, 1973), ligadas diretamente à consolidação do regime nacional-socialista, à anexação da Áustria, à eclosão da II Guerra Mundial e à conseqüente invasão dos países vizinhos à Alemanha pelos exércitos nazistas. A primeira fase, que vai de 1933 a 1938, é denominada de exílio na sala de espera. Ou seja, os exilados em sua maioria se refugiavam nos países próximos à Alemanha aguardando a queda do regime nazista. Os principais países de asilo desta fase são: França, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça, Holanda, União Soviética e Inglaterra.

A maior parte dos exilados refugiou-se, no entanto, nos dois primeiros países citados, os quais em função da estabilidade de seus respectivos sistemas democráticos permitiam e, no caso da Tchecoslováquia, até incentivavam as atividades políticas dos exilados. A preferência pela proximidade geográfica explica-se também pelo fato de que inicialmente era consenso entre os exilados de todos os grupos que o nacional-socialismo teria uma vida curta no poder. Nestes países de asilo, escritores e intelectuais juntamente com grupos políticos desenvolveram sobretudo atividades políticas de denúncia do nacional-socialismo. Jornais foram criados e editoras dos países de asilo se dispuseram a publicar obras do exílio. É importante mencionar neste contexto, entre outros, os jornais literário-políticos *Die Sammlung*, editado por Klaus Mann na Holanda, *Mass und Wert*, sob a direção de Thomas Mann na Suíça, assim como o *Pariser Tageszeitung*. A editora mais importante desta primeira fase foi a Querido-Verlag de Emanuel Querido, um judeu holandês de origem portuguesa, que publicou em Amsterdam escritores renomados, como Lion Feuchtwanger, Ernst Toller, Alfred Döblin e Heinrich Mann.

Nesta primeira fase, observa-se uma tendência generalizada de politização da literatura e de correspondente engajamento político dos autores. Em Paris, por exemplo, foi criada sob a direção de Heinrich Mann a Deutsche Freiheitsbibliothek (Biblioteca da Liberdade Alemã) com as obras de todos os autores “queimados” no 10 de maio de 1933. O engajamento político dos escritores de várias gamas do espectro político

(BETZ, 1986) se faz notar, por exemplo, no apoio quase irrestrito a uma política de frente popular, protagonizada por comunistas, socialistas e políticos liberais e/ou conservadores na luta contra o nacional-socialismo, e que tinha como modelo o governo de frente popular na França (1935-1939); assim como na participação de vários escritores na defesa da República – até mesmo na qualidade de soldados – na guerra civil travada de 1936 a 1939 entre o governo republicano e as tropas franquistas na Espanha. Participar desta guerra do lado dos republicanos era considerado pelos exilados como uma forma de deter o avanço do nacional-socialismo e do fascismo na Europa.

Não cabe aqui traçar todas as linhas de atividade política e cultural de escritores e intelectuais. É importante assinalar, no entanto, que este primeiro período do exílio foi, em termos literários, artísticos e culturais, o mais frutífero. Com o correr dos anos, as condições de vida de escritores e intelectuais deterioraram-se paulatinamente, sobretudo a partir de 1937-1938. Com o aumento da recessão e do desemprego ao longo dos anos 30, França, Suíça e outros países de asilo passam a restringir a concessão de vistos de permanência assim como licenças de trabalho para os exilados. Aumenta, por outro lado, a emigração sobretudo de judeus alemães da Alemanha, principalmente após o *pogrom* (denominado pelos nazistas de “noite dos cristais”) e a queima de sinagogas em toda a Alemanha, realizada na noite de 9 para 10 de novembro de 1938. Com a anexação da Áustria em março de 1938, o número de exilados, que a esta altura já não são mais bem-vindos em nenhum país da Europa, cresce geometricamente. A anexação da Áustria marca assim o fim do primeiro período do exílio.

O segundo período (1938 a 1940) é o da fuga em massa de todos os grupos de exilados para países ultramarinos. Em março de 1939 a Tchecoslováquia, que abrigava grande número de exilados, é invadida. Os grupos provenientes deste país e da Áustria tentam se refugiar na França e Inglaterra. Finalmente, em 1º de setembro de 1939, tem início a II Guerra Mundial com a invasão alemã da Polônia. Em maio de 1940 ocorre então a invasão da Holanda, Bélgica, Luxemburgo e da França, a qual após a rendição assinada no dia 22 de junho de 1940 fica dividida em duas partes: a parte norte do país até o sul de Paris é ocupada pelas tropas alemãs, enquanto a parte sul permanece “livre” sob o comando do governo colaboracionista do Marechal Pétain, o chamado governo de Vichy. Este governo é denominado colaboracionista, por ter colaborado ativamente com os esforços nazistas sobretudo no que diz respeito não só à deportação de alemães refugiados na França para campos de concentração e prisões na Alemanha, como também no tocante à deportação dos judeus franceses. A invasão e ocupação da França provocam então a fuga em massa dos exilados (só na França viviam cerca de 55.000 exilados alemães), que de Marselha, no sul da França, tentam obter vistos para países fora da Europa, os quais por sua vez criavam todo tipo de empecilhos na concessão de vistos aos exilados. Dentro deste quadro desesperador e de luta pela sobrevivência, não causa espanto a ausência de qualquer tipo de atividade

cultural. Não cabe aqui traçar um painel do drama e das freqüentes tragédias ocorridas nesta segunda fase. Basta mencionar aqui os suicídios dos seguintes escritores e intelectuais nesta fase do exílio: Ernst Toller, Walter Hasenclever, Walter Benjamin, Kurt Tucholsky e Ernst Weiss (RÖDER & STRAUSS, 1980).

A terceira fase (1940 a 1945) denominada fase ultramarina, é marcada pela dispersão dos exilados em quase todos os continentes. Os EUA acolheram a grande maioria dos exilados, enquanto a América Latina recebeu cerca de 86.000 exilados, dentre os quais uns 16.000 vieram para o Brasil (VON ZUR MÜHLEN, 1988). Havia também centros de exílio em Shanghai (China), assim como Turquia, África do Sul, Austrália, Palestina (ainda sob mandato britânico) e até na Nova Zelândia. Em todos estes países de asilo, a maior parte dos escritores produziu obras significativas, as quais em sua maioria não chegaram a ser editadas durante a época do exílio. Só em alguns países (México, Argentina, EUA, e na Europa e União Soviética) foram criadas editoras especializadas na propagação da literatura do exílio.

Pode-se afirmar neste contexto que o exílio significou para todos os autores uma ruptura profunda em suas respectivas biografias. Mencionamos a seguir os principais problemas para a produção literária de todos estes autores. O problema principal foi sem dúvida a perda do público leitor da Alemanha e Áustria. Dentro deste quadro, praticamente todos tiveram prejuízos materiais com a carência de editoras nos países de asilo e com a perda definitiva do vínculo com as editoras dos países de origem. Grande parte sofreu durante todo o período do exílio um processo de empobrecimento e, em muitos casos, de pauperização. Todos se queixavam não só da perda do contato cotidiano com a língua materna, como também do afastamento forçado da vida cultural alemã. Em alguns casos, o isolamento, sobretudo nos países de asilo ultramarinos da terceira fase, provocado não só por dificuldades de aculturação nos respectivos países de asilo como também por questões materiais, levou muitos autores ao desespero e à quebra da produção literária.

Características principais da produção literária do exílio

Entre os pesquisadores da literatura do exílio não há consenso até hoje sobre um aspecto central: se há ou não uma estética específica desta literatura (HERMAND, 1979, p. 65). Ou seja, se é lícito se falar de uma literatura do exílio com uma estética própria ou se só é possível falar da existência de obras literárias surgidas no exílio. Esta questão parece ainda não ter sido respondida a contento no bojo dos estudos germanísticos produzidos na Alemanha. É importante sublinhar aqui que de 1949 a 1990 houve duas Alemanhas (República Federal da Alemanha e República Democrática Alemã) aliadas respectivamente ao bloco ocidental e ao bloco soviético. Tal divisão insere-se no panorama geopolítico mundial da assim chamada Guerra Fria. Cada uma

das Alemanhas interpreta este período do exílio e da produção literária do exílio grosso modo conforme seu respectivo campo ideológico.

Na República Federal da Alemanha, todas as obras de historiografia literária dedicavam pelo menos um capítulo à produção literária do exílio, ou seja, abordavam esta produção sob o pano de fundo da época histórica do exílio, furtando-se no entanto a apontar ou indicar se houve ou não uma estética própria do exílio. As obras de historiografia literária, publicadas na República Democrática Alemã, por outro lado, denominavam a produção literária do exílio de um modo geral como literatura antifascista. Ou seja, ao qualificar politicamente esta produção literária, a historiografia literária da extinta República Democrática Alemã não só entronizou grande parte da produção literária do exílio no cânone da formação de uma literatura socialista, como também excluiu aquela produção literária do exílio que não se adequava à criação de uma literatura socialista de língua alemã, como foi o caso das obras do exílio que se inscrevem no contexto dos experimentos da modernidade literária (BARCK et al., 1984). Após a unificação das duas Alemanhas, a questão aventada acima sobre a existência ou não de uma estética específica da produção literária do exílio também não foi respondida na última obra abrangente mais recente sobre a produção literária do exílio (STEPHAN, 1998, p. 39).

Ainda que pareça não ser possível responder esta questão, apresento a seguir alguns aspectos fundamentais desta produção literária. É sabido que experimentos formais no âmbito da modernidade literária já estavam sendo abandonados antes da ascensão dos nazistas em 1933, pois grande parte dos autores já tinha desde meados dos anos 20 abandonado o Expressionismo e produzia obras mais realistas dentro do que se convencionou chamar de tendência da Nova Objetividade (“*Neue Sachlichkeit*”). No campo da esquerda, sobretudo dentro da União de Escritores Proletário-revolucionários do Partido Comunista Alemão, já começara a se consolidar nos anos de 1930 e 1931 a tendência à adoção irrestrita dos princípios do Realismo Socialista, tal como propagado pela política literária da União Soviética. Finalmente, em 1934, durante o I Congresso Soviético de Escritores em Moscou, o Realismo Socialista é declarado a teoria literária oficial a ser seguida por todos os escritores enquanto membros dos partidos comunistas do mundo todo.

Ainda na primeira fase do exílio, em 1937 e 1938, ocorre o assim chamado Debate sobre o Expressionismo, Realismo e Modernismo, travado nas revistas literárias do exílio *Wort* (Moscou) e *Neue Weltbühne* (Paris), de um lado, por Georg Lukács e, de outro, por Anna Seghers, Bertolt Brecht, Hans Eisler e Ernst Bloch. O debate se concentra em torno da questão sobre que fases da literatura burguesa deveriam ser preservadas como herança e incorporadas a um modelo em gestação no exílio de literatura antifascista. Enquanto Lukács defendia a idéia da manutenção e preservação da literatura de herança humanista, ou seja, basicamente a dos autores realistas do século XIX e dos autores do classicismo alemão, e a concomitante exclusão da literatura

de vanguarda moderna e do expressionismo (considerada por ele como literatura burguesa decadente), Seghers, Brecht e os outros postulavam a continuidade e aprofundamento dos parâmetros da literatura moderna. Em relação a Lukács, é interessante observar que as concepções defendidas por ele situavam-se dentro do contexto político de formação de um movimento de frente popular antifascista, preconizado na época pela União Soviética, o qual previa o trabalho conjunto de grupos de quase todos os matizes políticos sob a égide do partido comunista.

Tais concepções vão influenciar anos mais tarde a produção literária da República Democrática Alemã, na qual as teorias lukácsianas serão dominantes (ENDERLE-RISTORI, 1998, p. 1016). Isto explica por um lado, porque a literatura em língua alemã do exílio, como exposto acima, foi denominada de literatura antifascista, tornando-se um dos pilares oficiais da fundação de uma literatura socialista naquele país. E esclarece também, por outro lado, porque aquela produção literária do exílio, comprometida com os experimentos modernos, é excluída do cânone literário.

Ainda que não haja consenso sobre a especificidade estética da literatura do exílio, há no entanto consenso no tocante ao fato de que o exílio produziu obras extremamente significativas. Os temas das obras da literatura do exílio estão ligados intrinsecamente aos fatos instauradores desta literatura: à ascensão do nacional-socialismo, à permanência deste no poder, ao trabalho político de esclarecimento sobre o verdadeiro caráter do nacional-socialismo nos países de asilo, às condições adversas de sobrevivência no exílio, e, por fim, às dificuldades de aculturação nos países de asilo.

No primeiro grupo temático encontram-se obras de denúncia do terror instalado na Alemanha e de esclarecimento sobre o nacional-socialismo, dentre as quais destacam-se: *Die Moorsoldaten. 13 Monate Konzentrationslager (Os soldados do pântano. 13 meses de campo de concentração)* de Wolfgang Langhoff, publicada em 1935; *...wird mit dem Tode bestraft (E será punido com a morte)* de Heinz Liepmann de 1935; *Die braune Pest (A peste marrom)* de Frank Arnau de 1934 e a obra coletiva mais conhecida e traduzida para vários idiomas, *Braunbuch über Reichstagsbrand und Hitlerterror (Livro marrom sobre o incêndio do Reichstag e o terror hitlerista)*, publicado em 1934 (STEPHAN, 1998, p. 39).

As lutas políticas em outros países da Europa durante os anos 30, sobretudo o levante comunista na Áustria em 1934 e a guerra civil espanhola de 1936 a 1939 também serão tematizadas em várias obras, dentre as quais: *Der Weg durch den Februar (O caminho através de fevereiro)* de Anna Seghers, sobre o levante em Viena e Salzburg, publicada em 1935; e as obras sobre a guerra civil espanhola, *Der Tod des Don Quijote (A morte de Dom Quixote)* de Rudolf Leonhard de 1938, *Torquemadas Schatten (A sombra de Torquemada)* de Karl Otten de 1938, e *Die Kinder von Gernika (As crianças de Guernica)* de Hermann Kesten de 1939. A

peça de Bertolt Brecht, *Die Gewehre der Frau Carrar* (*Os fuzis da sra. Carrar*), encenada em Paris em 1938, aborda com técnicas realistas a conclamação à resistência antifascista durante a guerra civil.

As condições de vida no exílio, o isolamento, o empobrecimento e também a necessidade de resistir e de continuar lutando pela restauração democrática na Alemanha, e a partir de 1938 na Áustria, são temas recorrentes da literatura do exílio. Dentre as obras mais representativas, destacam-se: *Flucht in den Norden* (*Fuga para o norte*) de 1934 e *Der Vulkan. Roman unter Emigranten* (*O vulcão. Romance entre emigrantes*) de 1939, ambas de Klaus Mann; *Der Abgrund* (*O abismo*) de Oskar Maria Graf de 1936; *Emigranten* (*Emigrantes*) de Fritz Erpenbeck de 1937; *Der Reisepass* (*O passaporte*) de Bruno Frank de 1937; *Der Umbruch oder Hanna und die Freiheit* (*A transformação ou Hanna e a liberdade*) de Alice Rühle-Gerstel de 1937/38 assim como *Exil* (*Exílio*) de Lion Feuchtwanger de 1940 (THIELKING, 1998, p. 1076). Com a continuação do exílio e a paulatina deterioração das condições de vida surgem posteriormente outras obras, escritas em sua maioria nos países de asilo de ultramar, que tematizam a fuga dramática da França, dentre as quais deve-se mencionar o romance *Transit* (*Em trânsito*) de Anna Seghers, publicado no México em 1944 e que expõe as dificuldades quase intransponíveis para se conseguir vistos para países fora da Europa, assim como o relato autobiográfico de Lion Feuchtwanger, *Unholdes Frankreich* (*França indigna*), editado também no México em 1942.

Um outro grupo significativo de obras procura apresentar tentativas de explicação sobre as causas do advento do nacional-socialismo, passando em revista a época anterior ao III Reich: a República de Weimar (1918-1933) no caso da Alemanha e o Império Habsburgo no caso da Áustria. Dentre estas é importante assinalar as seguintes obras: *Die Geschwister Oppermann* (*Os irmãos Oppermann*) de Lion Feuchtwanger de 1933; *November 1918* (*Novembro de 1918*) de Alfred Döblin, escrito entre 1938 e 1943 e publicado somente em 1950; *Nach Mitternacht* (*Após a meia-noite*) de Irmgard Keun de 1937; *Das Beil von Wandsbeck* (*O machado de Wandsbeck*) de Arnold Zweig, escrito entre 1938 e 1943 e publicado em 1947; *Die Kapuzinergruft* (*A cripta dos capuchinhos*) de Joseph Roth de 1938, que trata da ascensão e queda de uma família aristocrata na antiga Áustria imperial (THIELKING, 1998, p. 1074).

Dentro deste contexto de obras, encontram-se também aquelas que antes e depois do início da II Guerra Mundial elaboram teorias de explicação do fascínio do nacional-socialismo sobre o povo alemão, destacando-se entre estas: *Mephisto. Roman einer Karriere* (*Mephisto. Romance de uma carreira*) de Klaus Mann de 1936; *Doktor Faustus* de Thomas Mann, publicada em 1947; assim como *Das siebte Kreuz* (*A sétima cruz*) de 1942 e *Die Toten bleiben jung* (*Os mortos permanecem jovens*) de Anna Seghers, editada somente em 1949. Há também uma série de obras escritas

durante a II Guerra, sobretudo por autores mais velhos, que, partindo de sua autobiografia, tentam reconstruir o mundo em que cresceram e viveram mas que desaparecido, como por exemplo: *Die Welt von gestern* (*O mundo de ontem*) de Stefan Zweig, uma das últimas obras escritas por este autor antes de seu suicídio em Petrópolis em 1942, assim como *Ein Zeitalter wird besichtigt* (*Uma época é revista*) de Heinrich Mann, publicada em 1946.

É interessante observar também que várias obras escritas no exílio representam a continuação de projetos iniciados antes de 1933. Alguns destes autores não conseguiram concluir seus projetos ambiciosos, como por exemplo Robert Musil, que ao morrer na Suíça em 1942, deixou em aberto o terceiro volume de sua obra monumental *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O homem sem qualidades*), iniciada em 1930 (CORINO, 1973, p. 259). Entre os projetos concluídos, é importante sublinhar que eles adquirem características que não teriam, caso seus autores não estivessem banidos. Exemplar é o caso da tetralogia de inspiração bíblica *Joseph und seine Brüder* (*José e seus irmãos*) de Thomas Mann. Os três primeiros volumes, *Die Geschichten Jaakobs* (*As histórias de Jacó*), *Der junge Joseph* (*O jovem José*) e *Joseph in Ägypten* (*José no Egito*), são lançados na Alemanha respectivamente em 1933 e 1934, sendo que o último em tiragem pequena em 1936. A concepção da tetralogia, concluída com o volume *Joseph der Ernährer* (*José o provedor*) em 1940, data do início de 1930. É precisamente no último volume que Thomas Mann, na época exilado nos EUA, faz de seu protagonista um homem maduro, empenhado em solucionar as questões práticas e também em auxiliar seu próprio povo. Neste último romance, Thomas Mann se afasta do modelo tão recorrente em sua obra do indivíduo/artista/gênio desligado das responsabilidades sociais e sobretudo abominando qualquer envolvimento com a vida política. Na mesma época de conclusão da tetralogia, o próprio autor se empenhava nos EUA, através de conferências proferidas em muitas cidades norte-americanas, assim como em locuções transmitidas pela BBC de Londres para a Alemanha, em conclamar e defender a democracia. É importante mencionar aqui que Thomas Mann aplaudiu com entusiasmo a eclosão da I Guerra Mundial, saudada na época também como um acontecimento libertador pela grande maioria de escritores e intelectuais de fala alemã. Para enfatizar seu entusiasmo, ele escreveu naquela ocasião uma obra intitulada *Betrachtungen eines Unpolitischen* (*Considerações de um apolítico*).

Dentro do contexto de preferência por formas mais realistas de literatura e do conseqüente abandono de experimentalismos estéticos, é digno de nota que o gênero do romance histórico é um dos mais cultivados pelos autores do exílio. Tal opção propiciava traçar paralelos históricos, analogias e análises históricas multiperspectivadas. Dentre estes romances destacam-se: *Die Saat* (*A semente*) de Gustav Regler de 1936, sobre as lutas camponesas; os dois romances de Heinrich Mann sobre o reinado justo

de Henrique IV na França, *Die Jugend des Königs Henri Quatre* (A juventude do rei Henrique IV) e *Die Vollendung des Königs Henri Quatre* (O aprimoramento do rei Henrique IV) de 1935 e 1938; *Der falsche Nero* (O falso Nero) de Lion Feuchtwanger de 1936; *Neuer Cäsar* (O novo César) e *Königin Christine von Schweden* (Rainha Cristina da Suécia) de Alfred Neumann, publicados respectivamente em 1934 e 1936; assim como o romance inacabado de Bertolt Brecht *Die Geschäfte des Herrn Julius Caesar* (Os negócios do sr. Júlio César), escrito entre 1937 e 1939 e publicado em 1950 (THIELKING, 1998, p. 1075).

Sobretudo na terceira fase do exílio, alguns autores vão tematizar seus respectivos países de asilo, assim como as dificuldades de aculturação. Neste grupo de obras cito as seguintes: *Der Ausflug der toten Mädchen* (O passeio das meninas mortas) e *Die Hochzeit von Haiti* (O casamento no Haiti) de Anna Seghers, que vieram a lume respectivamente em 1946 e 1949; *Entdeckungen in Mexiko. Reportagen* (Descobertas no México. Reportagens) de Egon Erwin Kisch, publicado em 1945; o ciclo de poemas *Bäume am Rio de la Plata* (Árvores no Rio da Prata) de Paul Zech, publicado em Buenos Aires em 1937; *Brasilien, ein Land der Zukunft* (Brasil, um país do futuro) de Stefan Zweig, publicado em 1941; e Ulrich Becher com seu ciclo de poemas narrativos *Brasilianischer Romanzero* (O Romanceiro brasileiro), escrito no Brasil e que só veio a lume em 1962 na República Federal da Alemanha.

Completando o panorama da literatura do exílio, menciono aqui os romances que podem ser enquadrados sob a rubrica da literatura trivial ou de gosto popular, que tiveram grande sucesso na época. Dentre estes, encontram-se as obras dos autores Vicky Baum, Erich Maria Remarque e Emil Ludwig (THIELKING, 1998, p. 1077).

É importante assinalar que muitas das obras do exílio, sobretudo as obras líricas, só vieram a lume após 1945, e que diversas peças de teatro, como por exemplo grande parte das obras de Bertolt Brecht, também só foram encenadas depois do fim do exílio de seus autores.

Concluindo, sem no entanto pretender ter respondido a contento a questão levantada no início: ainda que a literatura do exílio não tenha conseguido alcançar uma estética própria, segundo a maioria dos pesquisadores, é inegável que

os experimentos literários dos ‘autores banidos’ possibilitam, analisados metodicamente, uma compreensão melhor e sobretudo crítica da história alemã do século 20. Eles são uma fonte para uma outra descrição e elaboração da realidade. (KLEINSCHMIDT, 1982, p. 36-7)

Para ilustrar as dificuldades enfrentadas por grande parte dos autores do exílio na assim chamada fase ultramarina, farei a seguir a uma curta apresentação das características principais do exílio e da literatura do exílio no Brasil.

Condições do exílio e da produção literária do exílio de escritores de fala alemã no Brasil

Do contingente total de 500.000 refugiados, como já foi exposto acima, aproximadamente 86.000 conseguiram asilo em países latino-americanos. O mais importante país de asilo foi a Argentina, que acolheu cerca de 45.000 refugiados (VON ZUR MÜHLEN, 1988, p. 333). O Brasil foi o segundo país de asilo mais importante, acolhendo apenas cerca de 16.000 refugiados de fala alemã (KESTLER, 1998; KESTLER, 2003). Enfatizo o advérbio “apenas”, já que, proporcionalmente ao tamanho do país, o Brasil acolheu muito menos pessoas do que poderia ter feito. Este fato deve-se não só à conjuntura político-econômica – Era Vargas, Estado Novo, recessão econômica, simpatia declarada do governo Vargas pelos regimes fascista italiano e nazista alemão –, mas também e sobretudo à impiedosa política de imigração do governo brasileiro. Com a instauração do Estado Novo em 1937, a política imigratória é marcada por forte tendência anti-semita, manifesta nas circulares secretas e memorandos enviados pelo Itamarati às representações consulares brasileiras na Europa mais procuradas por refugiados, que eram em sua maioria apátridas (CARNEIRO, 1988). Os fundamentos ideológicos da legislação imigratória de cunho xenófobo e anti-semita foram as teorias racistas pseudocientíficas amplamente propagadas no Brasil. Interligadas a essas teorias estavam os debates em torno do assim chamado caráter nacional brasileiro e as campanhas de nacionalização, ainda que forçada, das colônias de imigrantes alemã, japonesa e outras, estabelecidas há décadas no Brasil. Aqui não é o lugar para se apresentar um painel amplo destes debates e das teorias racistas em voga na época. Saliento no entanto que

As ideologias do caráter nacional brasileiro seguem bem de perto o esquema das doutrinas européias. Numa primeira fase, aparece a revelação da terra e, já no século XVIII, o sentimento nativista. Este ainda não é o nacionalismo, pois revela mais a idéia de local de nascimento que a reivindicação de unidade nacional. Esta aparecerá com a Independência e o Romantismo, e neste caso acompanha o esquema estabelecido pelo romantismo alemão. [...] Uma terceira fase que se inicia por volta de 1880, e só terminará na década de 1950. Esta é, a rigor, a fase da ideologia do caráter nacional brasileiro. É nesse período que a teoria racial é aceita pelos autores brasileiros e aqui servirá – como inicialmente na Europa – para justificar o domínio das classes mais ricas. Além disso, as teorias raciais permitem aos ideólogos explicar o atraso do Brasil pela existência de raças inferiores e de mestiços. (LEITE, 1976, p. 325-6).

Na década de 30 com a recessão econômica, tais teorias raciais se tornaram moda. Tratava-se de excluir as “raças ruins” da formação da nação brasileira, a qual só deveria ocorrer com o concurso das “raças boas”. Segundo os teóricos racistas, somente uma nação “racialmente” homogênea com uma só língua e cultura estaria

apta para enfrentar e vencer os desafios da época. Por essa razão, realizou-se também a partir dos anos 30 uma política de nacionalização forçada das minorias étnicas, que culmina, no caso da minoria de origem alemã, com a proibição do uso público da língua alemã e com o fechamento de jornais e editoras alemães em 1941 (OBERACKER, 1941). Além disto, o decreto de 12 de março de 1938 já proibira o funcionamento de “filiais” brasileiras de partidos estrangeiros e quaisquer atividades político-partidárias de estrangeiros. Destes fatos depreende-se que a política de nacionalização forçada afetou profundamente não só aquelas minorias étnicas que eram seu alvo principal – minorias alemãs, japonesas, italianas e outras –, mas também a própria assimilação e aculturação dos refugiados de fala alemã. O decreto supracitado impossibilitou desta forma a criação em bases legais de organizações anti-fascistas de exilados assim como a abertura de editoras para a divulgação da literatura dos escritores de fala alemã exilados no Brasil. Ao contrário do que aconteceu no México e na Argentina, os escritores exilados não puderam, por razões legais, fundar uma editora própria e nem publicar obras em alemão em editoras brasileiras. Além disso, a declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo (Alemanha e Itália) em agosto de 1942 atinge indistintamente refugiados e membros das minorias étnicas provenientes destes países.

Quanto aos escritores e intelectuais, pode-se de um modo geral constatar que a grande maioria veio para o Brasil só a partir de 1938 e em muitos casos somente porque a emigração para os Estados Unidos não era possível. O Brasil portanto não era para a grande maioria o país de asilo desejado. Algumas das obras literárias ou ensaísticas dos escritores e intelectuais exilados foram, em função da proibição da publicação de obras em alemão, traduzidas e publicadas em francês ou em português. Além disso, grande parte das obras escritas no Brasil só foi publicada no original nos países de fala alemã após a II Guerra ou permaneceu inédita até hoje. O fato de que poucos escritores e intelectuais representativos e conhecidos se exilaram no Brasil explica também a pouca importância do país como local de produção de literatura do exílio. Dentre os escritores mais representativos, encontram-se Stefan Zweig (1881-1942); Paula Ludwig (1900-1974), autora de ampla obra lírica; Leopold von Andrian-Werburg (1875-1951), poeta pertencente ao círculo de Stefan George e de Hugo von Hofmannsthal na Viena da virada do século XIX para o XX; e o poeta, romancista e dramaturgo Ulrich Becher (1910-1990). Nem Paula Ludwig nem Leopold von Andrian-Werburg escreveram ou publicaram no Brasil. Stefan Zweig, por outro lado, era na época o escritor de fala alemã mais conhecido e apreciado no Brasil, pois desde 1932 suas obras vinham sendo traduzidas para o português e publicadas pela Editora Koogan no Rio de Janeiro. Não cabe aqui narrar as suas vindas ao Brasil na década de 30, amplamente festejadas pela imprensa. Importante é assinalar que em agosto de 1941 ele e sua esposa Lotte se fixam definitivamente no Brasil e alugam uma casa em Petrópolis (DINES, 1981). Inspirado pelas viagens empreendidas no

Brasil em anos anteriores, Zweig escreveu uma das obras mais famosas dos anos 40: *Brasil, um país do futuro*. Nesta obra, Zweig, enquanto refugiado atormentado pela perda inexorável de seu mundo, descreve em tons ingênuos e emotivos um país aparentemente livre dos preconceitos raciais, um eldorado da miscigenação e da tolerância entre as raças. Embora o pesquisador Jeff Lesser (1994, p. 97) afirme que o livro tenha sido uma forma de pagamento em troca do visto concedido pelo governo brasileiro, insinuando que a obra teria sido encomendada pelo famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda da ditadura Vargas, o mais renomado biógrafo de Stefan Zweig, Donald Prater, rejeita tal interpretação: embora o livro sobre o Brasil “de uma certa forma tenha sido pago pela hospitalidade do governo, que algumas vezes cobriu despesas de estadia e viagens” (PRATER, 1981, p.155), não se pode de forma alguma afirmar que se trata de uma obra encomendada.

Da primeira viagem em 1936 resultou o ensaio ‘Pequena viagem ao Brasil’, escrito em nove partes. [...] Este pequeno ensaio é o cerne da monografia sobre o Brasil redigida em 1940-1941. Já em 1937 o autor escreve para o editor brasileiro Abrahão Koogan sobre a intenção de ampliar este ensaio, para que possa ser editado em forma de livro. Assim percebemos que *Brasil: país do futuro* foi uma obra planejada com antecedência e que não surgiu como mera retribuição pelo visto de permanência concedido pelo governo brasileiro em 1940, ou como propaganda encomendada pelo governo Vargas, segundo críticas de alguns jornalistas e publicistas na época do lançamento da obra e sustentadas até hoje [...]. (HERBERTZ, 2001, p. 49)

Além desta obra, Zweig concluiu em Petrópolis sua autobiografia *Die Welt von gestern (O mundo de ontem)* e a pequena *Schachnovelle (Tabuleiro de xadrez)*. O duplo suicídio de Stefan Zweig e sua esposa em 1942 ilustra de forma cabal a tragédia do exílio.

Há, como já mencionado acima, algumas obras literárias de importância, dentre as quais destacam-se o romance autobiográfico de Marthe Brill (1894-1969), *Der Schmelztiegel (O caldeirão de culturas)*, publicado somente em 2002 na Alemanha, assim como a autobiografia romanceada, inédita até hoje, *Seidenraupen (O bicho-da-seda)*, de Hugo Simon (1880-1950). Hugo Simon foi uma importante personalidade da vida política e cultural da República de Weimar (KESTLER, 1994a).

Os intelectuais mais representativos fizeram suas respectivas carreiras e se tornaram conhecidos após a II Guerra no Brasil. Os mais importantes foram: Otto Maria Carpeaux (1900-1978), jornalista, ensaísta, crítico literário e enciclopedista; Herbert Moritz Caro (1906-1991), tradutor de muitas das obras mais importantes da literatura em língua alemã do século XX; Anatol Rosenfeld (1912-1973), ensaísta, crítico literário, autor de várias obras sobre a história do teatro e da literatura alemã, professor de teoria teatral e o principal introdutor das teorias do teatro dialético de Bertolt Brecht no Brasil (KESTLER, 1994b); Vilém Flusser (1920-1991), filósofo,

ensaísta e professor de teorias da comunicação; Paulo Rónai (1907-1992), tradutor, ensaísta, latinista e enciclopedista; e o casal Egon Wolff (1910-1991) e Frieda Wolff (1911-), autores de vasta obra sobre a história dos judeus no Brasil.

As obras publicadas no Brasil, além daquelas de Stefan Zweig, são em sua maioria: coletâneas de ensaios pseudo-filosóficos (*Die Totalschau des Universums*, em 1945, de Walter Menzl); ensaios literários (*A cinza do purgatório* em 1942 e *Origens e fins*, em 1943, de Otto Maria Carpeaux); obras sobre a questão judaica (*Judeus te contemplan!*, em 1945, de Erich Fraenkel); romances históricos e/ou de entretenimento traduzidos para o português (*À sombra do Corcovado*, em 1941, de Frank Arnau e *Beaumarchais, o aventureiro do século da mulher*, em 1942, de Paul Frischauer); relatos autobiográficos (*À la recherche du monde perdu*, em 1944, de Susanne Eisenberg-Bach e *Mil destinos da Europa*, em 1943, de Karl von Lustig-Prean); e por fim três biografias elogiosas de Getúlio Vargas, escritas por encomenda do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo pelos autores Paul Frischauer, Wolfgang Hoffmann-Harnisch e Hans Klinghoffer.

A única obra escrita e publicada em alemão no Brasil nos anos 40 foi o poema narrativo *Das Märchen vom Räuber, der Schutzmann wurde* (“O conto de fadas sobre o assaltante que se tornou policial”) de Ulrich Becher, mimeografada com uma tiragem de 500 exemplares e distribuída pela Notbücherei deutscher Antifaschisten in Rio de Janeiro (Impressora de emergência dos alemães anti-fascistas no Rio de Janeiro). Esta impressora foi fundada por Willy Keller, diretor de teatro também exilado no Brasil, em 1943. Por razões de ordem material, esta foi a única obra publicada pela Impressora. A difusão desta pequena obra se restringiu aos simpatizantes da causa anti-fascista e aos membros da Notgemeinschaft deutscher Antifaschisten (Associação de Emergência dos Alemães Anti-fascistas), liderados também por Willy Keller. Neste poema narrativo, o autor traça o perfil de Adolf Hitler como *gângster*, bandido e líder de um bando de assaltantes, que é convocado pelos poderosos para conter e eliminar a revolta dos trabalhadores. Depois de sufocada a revolta, o grupo de bandidos toma o poder. Durante sua curta estada no Brasil (1941-1944), Ulrich Becher escreveu quatro dos cinco romances do *Brasilianischer Romanzero* (*Romanceiro brasileiro*), publicado em 1962 em Hamburgo/Alemanha. A obra é composta de cinco romances, sendo que o primeiro e o último são os mais longos: *Romance dos cachorros raivosos do Rio*, *Romance da floresta estranha*, *Romance da árvore vermelha*, *Romance da morte do beija-flor*, e *Romance do encontro com João Damasceno Baunilha*.

Além disso, Becher escreveu no Brasil grande parte do poema narrativo *Die Ballade von Franz Patenkindt. Romanze von einem deutschen Patenkind des François Villon in fünfzehn Bänkelsängen* (“A balada de Franz Patenkindt. Romança de um afilhado alemão de François Villon em quinze canções ambulantes”), editada somente em 1980 em Munique/Alemanha. A estada no Brasil inspirou-o também

na composição das peças de teatro *Samba* (1950) e *Der Herr kommt aus Bahia* (*O Senhor vem da Bahia*) (1958), que numa versão posterior tem o título de *Makumba* (1968), da maior parte dos poemas da coletânea *Reise zum blauen Tag* (*Viagem ao dia azul*) (1946), assim como dos contos *Die Frau und der Tod* (*A mulher e a morte*) (1969) e *Fussballeidenschaft des Napoleon Bonaparte* (*A paixão pelo futebol de Napoleon Bonaparte*) (1983). Em todas estas obras, o autor descreve um mundo de estranhezas, de paisagens mágicas e às vezes ameaçadoras. Os brasileiros têm nomes fantasiosos (em sua maioria de origem romana ou grega: Agamenon, Napoleão, Capitulina, Orestes, etc.). Entregam-se ao hipnotismo dos transe da macumba e ao poder da magia negra, o que exemplificaria o misticismo dos brasileiros. O transe se repete também no carnaval, quando o rufar dos tambores e a cadência ritmada da música levam as pessoas ao delírio. A ignorância e a miséria proliferam na cidade como a raiva entre os cães vira-latas no *Romance dos cachorros raivosos*. A linguagem do autor é carregada de adjetivos, as imagens são quase barrocas, as descrições da natureza são impregnadas de medo e fascinação. Os heróis das peças e contos são peregrinos num mundo exótico e ameaçador. A natureza surge sobretudo no *Brasilianischer Romanzero* como um *locus amoenus*, um paraíso terrestre em contraposição ao inferno da cidade do Rio de Janeiro. O estilo do autor é sobrecarregado de imagens exóticas, alusões mitológicas e construções sintáticas incomuns, sobretudo nos romances do *Brasilianischer Romanzero* (SOUSA, 1996).

Ulrich Becher nunca foi em vida um autor muito conhecido. Segundo um de seus críticos, Dieter Bachmann (1970), Becher pertence à geração de autores que foi “devorada” pela II Guerra Mundial. Era jovem demais e desconhecido quando partiu para o exílio. Após o término da Guerra, ele e outros de sua geração não conseguiram se firmar no panorama literário do pós-guerra dos países de fala alemã (BRUHN & LANGE, 1986).

Concluindo esta curta apresentação, menciono aqui dois exilados que não conseguiram vir para o Brasil. O primeiro foi Walter Benjamin. O também exilado Erich Auerbach, um dos mais importantes teóricos da literatura do século XX, escreveu a Walter Benjamin em 23 de setembro de 1935, informando-lhe que tinha proposto seu nome às instâncias competentes no Brasil para o cargo de docente da Universidade de São Paulo, então em fase de criação. Auerbach tinha sido informado sobre essa vaga em 1934 e, na carta de 1935 a seu amigo Walter Benjamin, ele comunica também que infelizmente nada se concretizara (SPIELMANN, 1989; BARCK, 1988). A provável carta de resposta de Benjamin a Auerbach não é conhecida.

Também Thomas Mann não conseguiu vir para o Brasil. Ele se correspondia com o antigo diretor de teatro de Viena, Karl von Lustig-Prean, que se encontrava em São Paulo, a quem manifestou, numa carta de 8 de abril de 1943, o desejo de conhecer a terra natal de sua mãe, pois ele estava consciente da influência do sangue latino e

sabia o que, como artista, devia a essa influência. E por isso ele esperava, “após a perda da pátria paterna, conhecer sua pátria materna” (MANN, 1976, p.718). A ansiada visita à pátria materna acabou nunca acontecendo.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. The literature written in German and the period of exile (1933-1945): the literary production, the experience of exile and the presence of German refugees in Brazil. *Itinerários*, Araraquara, n. 23, p. , 2005.

- *ABSTRACT: This paper presents in its first part the major aspects of the history of the German exile literature, which is intrinsically connected with the establishment of the nazi-regime in Germany in 1933 and later in Austria after the annexation of this country to Germany in 1938. It is also included in the paper, the major characteristics of this literature and the most relevant literary works of the period that extends as late as 1945. In its second part, there is a brief presentation of the conditions of exile and of the literature of exile produced by German-speaking refugees in Brazil.*
- *KEYWORDS: National Socialism; German exile literature; history of exile; exile in Brazil; exile literature in Brazil.*

Referências

- ARENDRT, H. **Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft**. Frankfurt/M: Europäische Verlagsanstalt 1955.
- BACHMANN, D. Die Gegenwart als Geisterbahn auf den Autor Ulrich Becher anlässlich der Resistenz des Publikums gegen seinen großen Roman *Murmeljagd*. **Die Weltwoche**, Zúrique, v.34,p.26-7, 1970.
- BARCK, K. H. 5 Briefe Erich Auerbachs an Walter Benjamin in Paris. **Zeitschrift für Germanistik**, Berlin, v.9, n.6, p.688-94, 1988.
- BECHER, U. **Das Märchen vom Räuber, der Schutzmann wurde**. Rio de Janeiro: Notbücherei deutscher Antifaschisten, 1943.
- BECHER, U. **Die Reise zum blauen Tag**. St. Gallen: Volkstimme, 1946.
- BECHER, U. **Samba**. Viena: Universal, 1950.
- BECHER, U. **Der Herr Kommt aus Bahia**. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1958.
- BECHER, U. **Brasilianischer Romanzero**. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1962.
- BECHER, U. **Makumba**. Berlin: Aufbau-Verlag, 1968.

- BECHER, U. **Franz Patenkind**: Romanze von einem deutschen Patenkind des François Villon in fünfzehn Bänkelsängen. Munique: Universitas, 1980.
- BERG, J. et al. **Sozialgeschichte der deutschen Literatur von 1918 bis zur Gegenwart**. Frankfurt/t: Fischer, 1981.
- BETZ, A. **Exil und Engagement**: deutsche Schriftsteller im Frankreich der dreißiger Jahre. Munique: Text+Kritik, 1986.
- BRECHT, B. **Die Gedichte in einem Band**. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1986.
- BRUHN, R.; LANGE, T. **Heldentum und Mythos im Werk des Schriftstellers Ulrich Becher**. 1986. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação e Ciência da Literatura, Universidade de Osnabrück, Osnabrück.
- CARNEIRO, M. L. T. **O anti-semitismo na era Vargas**: fantasmas de uma geração (1930-1945). São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CORINO, K. Reflexionen im Vakuum: Musils Schweizer Exil. In: DURZAK, M. (Org.). **Die deutsche Exilliteratur 1933-1945**. Stuttgart: Philipp Reclam, 1973. p.253-62.
- DINES, A. **A morte no paraíso**: a tragédia de Stefan Zweig. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- DURZAK, M. Literarische Diaspora: Station des Exils. In: _____. **Die deutsche Exilliteratur 1933-1945**. Stuttgart: Philipp Reclam, 1973, p. 40-55.
- ELIAS, N. **Studien über die Deutschen**: Machtkämpfe und Habitusentwicklung im 19. Jahrhundert und 20. Jahrhundert. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1991.
- ENDERLE-RISTORI, M. Literaturkritik. In: KROHN, D. et al. **Handbuch der deutschsprachigen Emigration 1933-1945**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998. p.1010-8.
- HERBERTZ, A. M. **Xequemate no país do futuro**: Stefan Zweig e o exílio no Brasil. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- HERMAND, J. Schreiben in der Fremde. Gedanken zur deutschen Exilliteratur seit 1789. In: KOEPE, W.; WINKLER, M. (Org.). **Exilliteratur 1933-1945**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1979. p.62-92.
- JÄCKEL, E.; ROSCH, L. **Der Tod ist ein Meister aus Deutschland**: Deportation und Ermordung der Juden. Munique: DTV, 1992.
- KESTLER, I. M. F. Der deutsche Jude Hugo Simon (1880-1950). In: BENZ, W.; NEISS, M. (Org.). **Deutsch-jüdisches Exil**. Berlin: Metropol, 1994a. p.125-50.

KESTLER, I. M. F. Deutschsprachige Publizisten in Brasilien. In: KOHUT, K.; VON ZUR MÜHLEN, P. (Org.). **Alternative Lateinamerika**: Das deutsche Exil in der Zeit des Nationalsozialismus. Frankfurt/M: Vervuert, 1994b. p. 219-26.

KESTLER, I. M. F. Brasilien. In: KROHN, D. et al. **Handbuch der deutschsprachigen Emigration 1933-1945**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998. p.183-92.

KESTLER, I. M. F. **Exílio e literatura**: escritores de fala alemã durante a época do nazismo. São Paulo: Ed. USP, 2003.

KLEINSCHMIDT, E. Exil als Schreiberfahrung: Bedingungen deutscher Exilliteratur 1933-1945. **Exil,Forschung,Erkenntnisse,Ergebnisse**, Maintal, v.2,n.2,p.36-45,1982.

LEITE, D. M. **O caráter nacional brasileiro**. 3.ed. rev. São Paulo: Pioneira, 1976.

LESSER, J. Vom Antisemitismus zum Philosemitismus: Das wechselnde Bild deutschjüdischer Einwanderer in Brasilien 1935-1945. In: KOHUT, K.; VON ZUR MÜHLEN, P. (Org.). **Alternative Lateinamerika**: Das deutsche Exil in der Zeit des Nationalsozialismus. Frankfurt/M: Vervuert, 1994. p.89-104.

LOEWY, E. **Literatur unterm Hakenkreuz**: Das dritte Reich und seine Dichtung. Frankfurt/M: Hain, 1990.

MANN, T. **Die Briefe Thomas Manns**. Frankfurt/M: Fischer, 1976.v.2.

OBERACKER, K. H. **Die Vernichtung der deutschsprachigen Presse in Brasilien im Jahre 1941**. São Paulo: Instituto Hans-Staden, 1941.

PRATER, D. Stefan Zweig und die neue Welt. Stefan Zweig (1881-1981). **Aufsätze und Dokumente**, Viena, n.2, p.137-63, 1981.

RÖDER, W.; STRAUSS, H. (Org.). **Biographisches Handbuch der deutschsprachigen Emigration nach 1933**. Munique: K. Saur, 1980.

SAHL, H. Solange du schreibst, lebst du noch: Gespräch mit Hans Sahl. In: SCHÖFFLING, K. (Org.). **Dort wo man Bücher verbrennt**: Stimmen der Betroffenen. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1983. p.412-9.

SOUSA, C. R. de. **Retratos do Brasil**. São Paulo: Arte & Cultura, 1996.

SPIELMANN, E. Walter Benjamin, professor da USP. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 abr. 1989. Caderno Idéias, p.3.

STAGHUN, G. Heinrich Heine: um solitário, um poeta entre nações e religiões. **Deutschland**: Revista de Política, Cultura, Economia e Ciência, Bonn, n.2, p.54, 1997.

STEPHAN, A. Die intellektuelle, literarische und künstlerische Emigration. In: KROHN, D. et al. (Org.). **Handbuch der deutschsprachigen Emigration 1933-1945**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998. p.30-45.

THIELKING, S. Roman. In: KROHN, D. et al. (Org.). **Handbuch der deutschsprachigen Emigration 1933-1945**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998. p.1072-86.

VON ZUR MÜHLEN, P. **Fluchtziel Lateinamerika**: Die deutsche Emigration 1933-1945. Bonn: Neue Gesellschaft, 1988.

